**Preparação para Jubileu e a Profissão Perpétua**

**Segunda etapa- 09/05-09/06**

Nesta segunda etapa vamos percorrer a nossa caminhada preparativa junto com São Francisco: Primeiro com o Testamento de São Francisco e em seguida com nossas Constituições e Regra.

**09/05:**

**Contexto do Testamento:** Lembremos o contexto psicológico de São Francisco quando foi escrito o Testamento: São Francisco, fundador e inspirador primeiro da Ordem, pelos seus exemplos e santidade muitos vieram para a Ordem, ainda vivo todos o consideravam como “santo”. Mas ainda assim, no final da sua vida, ele viu a sua Ordem dividido em duas, seus frades caminhando em duas correntes paralelas: entre os simples e elites, entre os que queriam viver na pobreza, sem ter nada, simplesmente pregando o Evangelho e aqueles que queriam que o Ordem tivesse uma ordem, uns edifícios onde possa organizar os patrimônios da ordem, onde possa ter os conventos grandes com refeitórios e bibliotecas organizadas, pois sejam acolhidos quando se reúnem de vez enquanto que possa ser aconchegante o convívio fraterno, pois o número cresceu e não tem como controlar assim como quando eram poucos. Existia tensões entre quem pensava que o estudo era necessário para sobreviver e ter uma mentalidade culta para enfrentar os cátaros e outros heréticos e aqueles que não queriam saber de estudo, mas simplesmente ser iletrados e maltratados pelos outros. Até da parte da Santa Sé já tinha chegado as intervenções corrigindo Francisco, pois tendo o número elevado dos frades precisava mudar a mentalidade, assim como o mesmo cardeal Ugolino, futuro Papa Gregório, ao formar a Regra da Ordem. Era o tempo em que, com o Capítulo geral de 1223 e a regra renovada e Bulada, a Ordem tomou vô para crescer segundo as exigências do tempo[[1]](#footnote-1) onde foi reconstruída não só a Regra mas também a Ordem, contra ou sem ter muito o consenso de Francisco, mas sim da Santa Sé. E assim quase com desgosto dos frades, entregando já a administração da Ordem nas mãos dos outros confrades, primeiro a Pedro Catani (desde 1221), e depois nos outros pelos capítulos. Basta ler 2Celano 157 entender da dor de Francisco a respeito de alguns frades maus.

Durante a sua experiência no Monte Alverne (1224), num certo momento ele se lamenta e chora pensando no futuro da Ordem que está indo diferente do que ele sonhou e então Jesus apareceu e perguntou-lhe dando-lhe um pequeno carão: “Por a caso a Ordem é tua? Se eu que sou o fundador eu sei como conservá-la”.

E outra vez aparece um anjo para lhe confortar:

“... estando um dia São Francisco a pensar em sua morte e na situação de sua Ordem depois de sua vida, e dizendo: “*Senhor Deus, que será, depois de minha morte, de tua família pobrezinha, que por tua bondade confiaste a mim pecador? Quem a confortará? Quem a corrigirá? Quem te pedirá por eles?”* e, dizendo palavras como essas, apareceu-lhe o Anjo mandado por Deus e confortando-o assim: “Eu te digo da parte de Deus que a profissão de tua Ordem não há de faltar até o dia do juízo, e não haverá pecador tão grande que, se amar de coração a tua Ordem, não há de encontrar misericórdia da parte de Deus. E ninguém que perseguir por maldade a tua Ordem vai poder viver. E mais, ninguém muito réu na tua Ordem, que não corrija sua vida, poderá perseverar na Ordem. Por isso não fiques triste se vês alguns frades não bons, que não observam a regra como devem, e não penses então que essa religião virá a esvair-se, pois sempre haverá nela muitos e muitos que observarão perfeitamente a vida do Evangelho de Cristo e a pureza da Regra; e aqueles que, depois da vida terrena, irão diretamente para a vida eterna sem passar absolutamente pelo purgatório. Alguns não vão observa-la perfeitamente e até os que vão para o paraíso passarão pelo purgatório, mas o tempo de sua purgação será confiado por Deus a ti. Mas não te preocupes com aqueles que não vão mesmo observar a Regra, diz Deus, porque nem ele se preocupa”. Ditas essas palavras, o anjo foi embora e São Francisco ficou todo confortado e consolado. (As cinco considerações, cap. 3).

Descendo do Monte Alverne, Francisco vivia quase nas margens da Ordem, recuando-se nas orações compondo as músicas e orações. Quase cego, sem enxergar nada da beleza nem do mundo e nem da criação que foi compor o cântico das Criaturas. Neste contexto que ele escreve o Testamento, quase antes de alguns meses da sua morte: Por isso cada palavra dele é uma saudade eterna dos tempos antigos.

Segundo os estudiosos modernos do Franciscaníssimo, Francisco foi vítima não apenas das manipulações de poder por parte da Igreja, mas também das incompreensões e rebeldia dos frades, como se estes se conspirassem contra ele, no intuito de colocar a Ordem em caminhos contrários às opções das origens. E a redação da Regra Bulada seria o resultado das manobras dos frades, contra a vontade de Francisco”[[2]](#footnote-2).

E hoje, o Testamento permanece no coração de cada Franciscano e Franciscana como saudade da vida de Francisco, saudade também dos tempos iniciais da nossa caminhada vocacional. É saudade, pois todos nós viemos abraçar esta vida pensando na originalidade da vocação de São Francisco, pensando de abraçar a vida pobre e simples de Francisco, sem ter muito conhecimento nem critério da vida comum, da vida institucional, das regras e normas do Direito Canônico ou das outras recomendações, motivações e explicações sucessivas. E por isso mesmo vamos meditá-lo, ruminá-lo até que Deus Pai console os nossos corações e tranquilize nossas almas dando-nos sabedoria e iluminação para enxergar melhor tudo o que enxergamos e não enxergamos ao nosso redor.

**10/05** 1. Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. 2. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. 3. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo.

Vamos lembrar hoje os leprosos que superamos ao longo da nossa caminhada vocacional. Coloque-os diante do sacrário, reza e interceda por eles, por aquelas situações que eram amargos no início, mas depois tornou-se doçura de alma e de corpo. Louva e agradeça a Deus pelas situações amargas vividas dentro do convento, por aquelas pessoas e situações que eram insuportáveis e que você fazia de tudo para virar o rosto, mudar a direção para não se encontrar com elas.

Francisco, após de ter encontrado com eles, demorou só um pouco e depois abandonou o mundo. Aconteceu a mudança total. Podemos demorar “um pouco”, mas precisa abandonar o século, a mentalidade do século, o olhar do século e precisa beijar, abraçar e servir aqueles leprosos.

**11/05**: 4. E o Senhor me deu tanta fé nas igrejas que com simplicidade orava e dizia: 5. ‘Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo aqui e em todas as vossas igrejas que estão no mundo inteiro, e vos bendizemos porque por vossa santa cruz remistes o mundo’.

É uma oração que rezamos desde primeiro dia em que entramos em convento, um mínimo, 10 vezes por dia. Quantas vezes rezamos como uma rotina sem pensar e meditar nas palavras!

E o Senhor nos deu tanta fé na Igreja e por isso dizemos o nosso sim ao chamado vocacional. Agradeça hoje por esta graça recebida na nossa vida: a fé na Igreja. Agradeça pelas graças recebidas através a Igreja, pelos sacramentos, pelos momentos de oração, pela maneira de orar “católico”.

**12/05:** 6. E o Senhor me deu e ainda me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da santa Igreja Romana, por causa de suas ordens, que, mesmo que me perseguissem, quero recorrer a eles.

Lembre e agradeça hoje por tantos sacerdotes que você conheceu e que tornaram canais de graça na sua caminhada vocacional. E lembre-se também daquele sacerdote que por a caso você se sentiu perseguida por ele, maltratada por ele, não amada por ele e talvez até mostrou afeto e carinho com sua coirmã e não com você e a ponto de sentir-se marginalizada ou até caluniada por ele. Reze por ele e por aquela situação, em obediência às palavras do nosso pai Francisco.

**13/05:** 7. E se tivesse tanta sabedoria quanta teve Salomão e encontrasse míseros sacerdotes deste mundo – nas paróquias em que eles moram não quero pregar contra a vontade deles. 8 E hei de respeitar, amar e honrar a eles e a todos os outros como a meus senhores.

Lembre-se daqueles sacerdotes que talvez as homilias não prestavam por nada, falava das besteiras, não tinha nada do que atrai o nosso interesse e a nossa concentração. Se alguma vez sentimos superiores e melhores conhecedores do que eles... vamos rezar e oferecer a Deus estes sacerdotes, em obediência às palavras do nosso pai São Francisco.

**14/05:** 9. Nem quero olhar para o pecado deles porque neles reconheço o Filho de Deus e eles são os meus senhores. 10. E procedo assim porque do mesmo altíssimo Filho de Deus nada enxergo corporalmente neste mundo senão o seu santíssimo corpo e sangue, que eles consagram e somente eles administram aos outros.

Hoje vamos lembrar e rezar por aqueles sacerdotes que sabemos que tem uma vida não reta, não evangélica, talvez tem filho, mulher, gosta de dinheiro, gosta da posse, gosta de eloquência, gosta de poder e agente por isso não gosta daqueles sacerdotes. Vamos rezar e pedir perdão por eles. E agradecer a Deus também pois, independente da virtude ou vício do determinado padre, a graça sacramental vem até a nós pela bondade e misericórdia de Deus. Pela Igreja “santa, católica e apostólica” agradecemos a Deus.

**15/05:** 11. E quero que estes santíssimos mistérios sejam honrados e venerados acima de tudo em lugares preciosos. 12. E onde quer que encontre em lugares inconvenientes os seus santíssimos nomes e palavras escritos, quero recolhê-los e peço que sejam recolhidos e guardados em lugar decente.

Desde quando entramos em convento ouvimos, nos ensinaram (e vimos fazer também assim) as nossas irmãs sobre o devido respeito que devemos dar ás coisas sagradas, aos lugares sagrados, ao nomes e palavras escritas e que sejam recolhidos e guardadas em lugares decentes. E nós mesmo fomos responsáveis muitas vezes de sacristia, do altar, de lavar e passar os panos da Igreja etc. É grande graça e privilegio que recebemos. Qual meu respeito, meus compromissos e minhas alegrias em fazê-los?. Qual meu compromisso de ensiná-los aos outros?. Como Dom Marcos falou citando o comentário de Jeronimo a respeito do pano dobrado que Jesus ressuscitado deixou no túmulo (o altar símbolo do sepulcro e sendo assim): dobrar o guardanapo na mesa é um costume judeu que significa que a pessoa que dobra o guardanapo pretende retornar. E no costume judaico antigo, os nobres que tinha servos costumavam jogar o lenço na mesa de qualquer modo ao terminarem as refeições. Mas se tivesse dobrado, isto significaria que ele iria voltar. Em cada Eucaristia, o sacerdote deixa dobrado o corporal, pois vai voltar. Gesto tão sagrado, mas quem dobrou primeiro somos nós, as que lavam e passam. Gesto tão sagrado entregue nas nossas mãos! A vida religiosa, aqui também antecipa no seu mistério vivido!

**16/05:** 13. E devemos honrar e respeitar todos os teólogos e os que nos ministram as santíssimas palavras divinas como a quem nos ministra espírito e vida.

Hoje vamos lembrar diante do sacrário todas aquelas pessoas que ajudaram a infundir em nós o amor à Palavra de Deus, aqueles que nos ensinaram, nos deram as aulas da Sagrada Escritura, nos explicaram a Palavra de Deus. E rezemos também por todos aqueles que são professores e teólogos, escritores da Sagrada Escritura, a fim de que não sejam orgulhosos e onipotentes, mas humildes servidores da Palavra, sem perder o “espirito de oração e devoção” assim como São Francisco recomendou à Sto. Antônio.

**17/05:** 14. E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho. 15. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples e o Senhor Papa confirmou.

No início da nossa caminhada tínhamos vários caminhos na frente e não sabíamos aonde ir, escolher qual congregação, qual carisma, com quais Irmã etc. Mas Deus nos mostrou, Deus nos conduziu, Deus nos revelou. “o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver”. Lembre-se daquelas circunstancias, o tempo que passamos sofrendo sem saber o que fazer, a dor no discernimento vocacional, o medo de lançar-nos para futuro sem ver nem conhecer direitinho do que vai abraçar, as sufocações que experimentamos de todos os lados contra as nossas decisões, as preocupações que passaram nas nossas cabeças pensando nos pais e nos irmãos etc. Tudo hoje vamos relembrar, recapitular louvando e agradecendo pelas maravilhas que ele operou em nós, através de nós e para nós.

**18/05:** 16. E os que vinham para abraçar este gênero de vida distribuíam aos pobres o que acaso possuíam. E eles se contentavam com uma só túnica remendada por dentro e por fora, com um cíngulo e as calças. 17. E mais não queríamos ter.

São Francisco e os primeiros frades verdadeiramente não tinham nada além do que tinha no corpo e muitas vezes até isso dava aos mais necessitados. Bastaria lembrar o episódio da visita da senhora Pobreza na casa dos Frades e o banquete preparado por eles narrado no livro Sacrum Commercium[[3]](#footnote-3):

59. Quando estava tudo preparado, forçaram-na a comer com eles.

Mas ela disse: “Mostrai-me antes a capela, a sala do capítulo, o claustro, o refeitório, a cozinha, o dormitório e o estábulo, as cadeiras bonitas, as mesas bem lisas e as casas enormes. Pois não estou vendo nada disso; só o que vejo sois vós, alegres e felizes, transbordando de gozo, cheios de consolação, como se esperásseis que é só desejar e vos darão tudo”. Eles responderam: “Senhora e rainha nossa; nós, que somos teus servos há tanto tempo, estamos cansados do caminho, e tu também, que vieste conosco, não trabalhaste pouco. Então, vamos comer primeiro, se permites, e assim, confortados, tudo será feito como mandares”.

60. Disse ela: “Gostei do que dissestes; então, tragam a água para lavarmos as mãos e toalhas para as enxugarmos”. Trouxeram logo meio vaso de barro cheio de água, porque não havia ali um inteiro. Despejaram-na nas mãos dela, enquanto olhavam para cá e para lá, buscando uma toalha. Como não a encontraram, um deles ofereceu lha a túnica que vestia para enxugar as mãos. Ela, recebendo-a agradecida, louvava a Deus em seu coração por tê-la unido a tais homens. 61. Depois, levaram-na ao lugar em que a mesa estava preparada. Chegando lá e não vendo mais do que três ou quatro pedaços de pão de cevada ou farelo colocados na grama, ficou muito admirada, dizendo consigo: Quem jamais viu essas coisas nos séculos que passaram? Bendito sejas, Senhor Deus, que cuidas de tudo pois, quando queres, podes usar o poder; com essas obras, ensinaste o teu povo a te agradar”. Assim assentaram-se juntos, dando graças a Deus por todos os seus dons.

62. A senhora Pobreza mandou trazer a comida cozida nas travessas. Trouxeram uma travessa cheia de água fria, para que nela todos molhassem o pão: ali não havia nem uma quantidade de travessas nem variedade de cozidos. Pediu pelo menos que servissem algumas ervas odoríferas cruas. Mas, como não tinham hortelão nem sabiam de alguma horta, colheram ervas silvestres no mato e puseram-nas na sua frente. Ela disse: “Trazei-me um pouco de sal para salgar as ervas, porque são amargas”. Disseram: “Espera, senhora, que entremos na cidade para te trazer, se houver alguém que nos dê”. Ela disse: “Dai-me uma faca para tirar o supérfluo e cortar o pão, porque está muito duro e seco”. Responderam-lhe: “Senhora, nós não temos um ferreiro para nos fazer espadas; corta agora com os dentes, em vez de uma faca, e depois vamos tomar providências”. “Tendes um pouquinho de vinho?”, perguntou. E eles responderam: “Senhora nossa, não temos vinho porque o principal para a vida do homem é pão e água, e, para ti, não é bom tomar vinho, porque a esposa de Cristo tem que fugir do vinho como de um veneno”.

63. Depois que ficaram satisfeitos, mais pela glória de tanta privação do que ficariam pela abundância de todas as coisas, bendisseram ao Senhor, diante do qual encontraram tanta graça, e levaram-na para um lugar em que pudesse repousar, porque estava cansada. E assim jogou-se despida sobre a terra nua. Pediu também um travesseiro para sua cabeça. Trouxeram logo uma pedra e colocaram embaixo. Mas ela, depois de um sono bem repousado e sóbrio, levantou-se apressada, pedindo que lhe mostrassem o claustro. Levaram-na para uma colina e lhe mostraram todo o mundo que podiam ver, dizendo: “Senhora, este é o nosso claustro”.

Lembremos dos nossos primeiros anos em convento: daquelas fadigas/ alegrias que fizemos em vestir-se a roupa das outras, lavar suas roupas junto com a roupa das outras, dobrar, passar a roupa das outras, usar em comum os sabonetes, banheiros, quartos, comidas, talheres etc. Aquela fadiga que fez em usar certas blusas não muito agradável.

Francisco, Bernardo muito outros tem a memória viva do que distribuíram aos pobres. Será que você tem assim alguma memória? Lembra daquela experiência de desapego e de doar para alguém uma coisa que você gostava muito? Francisco e os primeiros frades contentavam por uma só túnica ainda costurada, emendada, dentro e fora. Qual sua atitude quando estraga, rasga e danifica uma coisa pessoal? Teve alguma vez a tendência de dar às outras, ou colocar em comum o que não presta, o que ficou velha, possuindo o novo para você? Quando vê um hábito a mais ou melhor do que do seu no corpo das coirmãs, alguma vez desejou de tê-lo também por você ou teve uma crítica espontânea contra quem possui de uma coisa que você não tenha? Vamos hoje fazer este exame de consciência sobre o apego e desapego na nossa vida.

**19/05:** 18. Nós clérigos recitávamos o oficio divino como os demais clérigos; os leigos diziam os pai-nossos. E gostávamos muito de estar nas igrejas.

A nossa devoção com o oficio divino foi progressivo! Talvez no início não prestávamos muita atenção à todas as palavras, mas sim ao ato litúrgico. Agente achava interessante este modo de rezar comunitário. Outras vezes pensávamos que era uma perca de tempo, pois sempre reza igual ou reza as palavras sem colocar o coração e ainda outras vezes rezava mas o coração longe, no sono, nos sonhos, nas viagens pelo mundo sem bilhetes etc. E nas férias, no início rezávamos sempre porque sabíamos que era obrigatório, e os nossos familiares olhavam para nós com respeito falando “a oração dela, do convento” e com passar do tempo nem tocávamos no livro do Oficio, pois agente adquiriu uma certa autonomia e até pensando não é necessário rezar este modo ou aquele modo, Deus vê o coração e isso basta etc. A mesma coisa aconteceu com São Francisco e outros frades. Se ele está falando: “rezávamos...” significa que agora não todos os frades estão dando aquela mesma importância que davam no início à esta oração.

São Francisco mesmo algumas vezes substituía a oração do Oficio com outras formas como agente vê naquele episódio:

Estando uma vez São Francisco, no princípio da Ordem, com Frei Leão em um convento, onde não havia livro para rezar o ofício divino, ao chegar a hora de Matinas, disse S. Francisco a Frei Leão:

"Caríssimo, não temos breviário, com que possamos rezar Matinas: mas, a fim de passarmos o tempo louvando a Deus, eu direi e tu me responderás como te ensinar; e toma cuidado, não digas as palavras de modo diverso do que te ensinar.

Direi assim: 'Ô irmão Francisco, praticaste tanto mal, tais pecados no século que és digno do inferno'; e tu, irmão Leão, responderás: 'Verdadeira coisa é que mereces o inferno profundíssimo"'- E Frei Leão, com simplicidade columbina, respondeu: "Estou pronto, pai, começa em nome de Deus".

Então S. Francisco começou a dizer: "Ó irmão Francisco, praticaste tantos males e tantos pecados no século, que és digno do inferno".

E Frei Leão respondeu: "Deus fará por ti tantos bens, que irás ao paraíso". Disse S. Francisco: "Não digas assim, irmão Leão; mas quando eu disser: 'Irmão Francisco, praticaste tanta coisa iníqua contra Deus, que és digno de ser maldito por Deus', responderás: 'Em verdade és digno de ficar mesmo entre os malditos"'.

E Frei Leão respondeu: "De boa mente, pai".

Então S. Francisco, entre muitas lágrimas e suspiros e a bater no peito, disse em altas vozes: "Ó meu Senhor do céu e da terra; cometi contra ti tantas iniquidades e tantos pecados que por isso sou digno de ser amaldiçoado por ti".

E Frei Leão respondeu: "Ó irmão Francisco, Deus te fará tal, que entre os benditos serás singularmente bendito". E S. Francisco, maravilhando-se de Frei Leão responder sempre o contrário do que ele havia ordenado, repreendeu-o, dizendo: "Por que não respondes como te ensino? Ordeno-te, pela santa obediência, que respondas como te ensinar.

Direi assim: “irmão Francisco miserável, pensas tu que Deus há de ter misericórdia de ti; não é tão certo que tens cometido tantos pecados contra o Pai da misericórdia e o Deus de toda consolação, de modo que não és digno de encontrar misericórdia?' E tu, irmão Leão, ovelhinha, responderás: 'De nenhum modo és digno de alcançar misericórdia"'. Mas depois, quando S. Francisco disse: "O irmão Francisco miserável", etc., então Frei Leão respondeu: "Deus Pai, cuja misericórdia é infinita mais do que o teu pecado, fará em ti grande misericórdia e te encherá de muitas graças".

A esta resposta S. Francisco docemente irritado e pacientemente perturbado disse a Frei leão: "Por que tiveste a presunção de ir contra a obediência, e por tantas vezes respondeste o contrário do que te impus?" Respondeu Frei Leão muito humilde e reverentemente: "Deus o sabe, pai meu, que cada vez tive vontade de responder como me ordenaste: mas Deus me fez falar como quis e não como eu queria".

Do que S. Francisco se maravilhou e disse a Frei Leão: "Peço-te afetuosamente que desta vez me respondas como te disser".

Respondeu Frei Leão: "Dize em nome de Deus, que por certo responderei desta vez como queres". E S. Francisco, entre lágrimas, disse: "Ó irmão Francisco miserável, pensas que Deus terá misericórdia de ti?" Responde Frei Leão: "Antes grandes graças receberás de Deus e serás exaltado e glorificado na eternidade, porque quem se humilha será exaltado: e eu não posso dizer de outro modo, porque Deus fala pela minha boca". (Fioretti, cap.9).

Assim “*gostávamos muito de estar nas igrejas”.* Ao fim da sua vida ele via que os Frades eram mais para agir que para rezar ou ficar nas igrejas. No início não tinham muitos compromissos. Agora muitas atividades! E “estar simplesmente na Igreja” tornou-se um ato das irmãs idosas, dos frades idosos, das pessoas idosas!

Talvez nós também temos a saudade de “estar simplesmente na igreja” e não estamos conseguindo! Hoje vamos pedir a graça “atrai-me para ti Senhor”!

**20/05:** 19. Éramos iletrados e nos sujeitávamos a todos.

Não porque eram de fato iletrados: pois os primeiros frades eram de fato homens de cultura, de bens materiais e espirituais[[4]](#footnote-4):

São Francisco mesmo era um poeta, escritor ainda que não sempre usava linguagem boa, mas tinha a capacidade de compor, de escrever. O **Bernardo de Quintavalle** jurista, estudou jurisprudência na universidade de paris, pertencente à família rica e nobre de Assis, que deixou toda a herança e distribuiu aos pobres para se juntar com Francisco após uma noite de oração de São Francisco na sua casa[[5]](#footnote-5); o sacerdote **Silvestre**, que exclamou comovido: “Como posso eu, sacerdote e velho, ser menos generoso que estes jovens e ricos?” E, sem mais, lançou-se com eles na aventura de viver o Evangelho. Tornou-se, assim, o primeiro sacerdote da Ordem Franciscana; **Pedro Cattani,** o doutor em Direito da universidade de Bolonha, jurista e cônego, o sucessor de Francisco à testa da Ordem, em 1220-1221; **frei Egídio**, cantor, poeta, conhecedor da língua francesa, proprietário de um só hábito e por isso nada tinha abandonar e já no primeiro dia mesmo foi dado aquela túnica do corpo à uma pobre mulher mas, espiritualmente muito rico que os Bispos, Cardeais e Papas o procuravam para se aquecerem com o calor de algum raio do fogo celeste que dele emanava ou, simplesmente para saborearam algo da sabedoria divina que saia de suas palavras[[6]](#footnote-6); **Frei Ângelo,** da ilustre família dos Tancredo, aparentado com reis e príncipes; Felipe, grande pregador; **Frei Rufino**, homem mais nobre da família de Assis, mas não sabia pregar o Evangelho[[7]](#footnote-7).

E independente das qualidades e capacidades, todos se submetiam a todos, especialmente à obediência. Quando são Francisco fala que “eram iletrados”, talvez mostrava exatamente simplicidade e a disposição deles para obedecer, não pretender de saber tudo, submetidos entre eles na vida fraterna, e sem perder a alegria e a doação de si. Bastaria ler alguns episódios destes confrades para entender a simplicidade e puridade com que viviam estes primeiros frades.

E as nossas Irmãs também eram tão simples e humildes que vendo a alegria e simplicidade delas muitos padre, cardeais e bispos as chamavam para abrir as casas nas várias cidades da Itália[[8]](#footnote-8). E nós mesmo, basta fazer uma pequena avaliação: ao chegar em convento, ao abraçar esta vida, éramos mais simples do que do tempo de agora. Como São Francisco lembrando do passado sentia a saudade daquele tempo inicial, todas as nossas irmãs experimentam a saudade do tempo “antigo” que era mais simples, mais sóbrio, mais obediência[[9]](#footnote-9).

Ao celebrar a Profissão Perpétua e jubileu, vamos pedir a graça de voltar para a nossa origem, e talvez, em vez de exigir das outras, nós mesmo poderíamos continuar sendo mais simples, mais humildes e mais sóbrias, e assim as nossas coirmãs mais jovens vão nos seguir. Os exemplos arrastam, as palavras voam e por isso vamos pedir ao Senhor da messe que envie operários à sua messe que seja de acordo com o coração de Deus e de Francisco. Ao ver Frei Egídio, querendo ingressar na Ordem, Francisco via nele o rosto angelical!

**21/05:** E eu trabalhava com as minhas mãos e quero trabalhar. 20. E quero firmemente que todos os outros irmãos se ocupem num trabalho honesto.

É a marca do franciscano(a), trabalhar. Bastaria apenas o exemplo de de Frei Egidio para lembrar como São Francisco ensinou os primeiros frades a comer com fruto do trabalho:

Quando vivia em Rieti, na casa episcopal, o Cardeal queria muito Egidio alimentasse com ele na mesa. Mas ele disse que queria sempre trabalhar e depois comer o que ganha do trabalho lembrando as palavras do Testamento de São Francisco. Depois de tanto insistir ele começou a comer, mas com a condição de trazer consigo o pão recebido do trabalho que ele fazia na cidade. Um dia choveu muito e não tinha como ele ir para cidade. O cardeal pensou-se então: “hoje ele vai comer comigo”. Mas frei Egídio foi para cozinha e pediu ao cozinheiro se podia limpar a cozinha suja em recompensa de dois pães e assim limpou e o salário recebido, dois pães, ele levou para a mesa, para comer com o cardeal e outro dia vendo que as facas da casa estavam sujas e enferrujadas assumiu afiá-las e limpá-las em recompensa de dois pães, comida daquele dia[[10]](#footnote-10).

E São Francisco insistia: quero firmemente que todos os outros irmãos se ocupem num trabalho honesto. É o nosso dever, trabalhar e trabalhar honestamente.

Nossas Irmãs trabalhavam muito, sem distinção. E todas faziam todos os tipos de trabalho. Não existe diferencia entre nós com título “estudiosa”, “culta” ou “serva”.

Ainda mais, em convento aprendemos trabalhar e fazer muitas coisas que talvez se estávamos no mundo era somente um sonho não realizado, ou nem sonhava de fazê-lo. Nos primeiros anos fadigamos de aprender, mudar nossos hábitos de casa, nossa maneira de cozinhar, de preparar café, e até mesmo colocar o sal na comida. Tudo aprendemos numa forma diferente (custou, mas aprendemos) e hoje sabemos de viver e conviver com qualquer irmã e em qualquer situação.

Vamos hoje meditar e agradecer a Deus pela graça de trabalho que ele nos deu; pelas fadigas, mortificações, silêncio vivido, compreensões e incompreensões que experimentamos no aprender os vários serviços de casa.

São Francisco dizia: devemos trabalhar pelo fato de sermos pobres, pois o pobre deve trabalhar para comer o pão. Nós não recebemos nem devemos receber retribuições, basta só o pão cotidiano como retribuição e nada mais desejamos como dizia nosso pai São Francisco.

**22/05:** 21. E os que não souberem trabalhar o aprendam, não por interesse de receber o salário do trabalho, mas por causa do bom exemplo e para afastar a ociosidade.

*“ E os que não souberem trabalhar o aprendam”*: Pela graça de Deus, todas receberam um estudo superior, após que entrou em convento. Nossas irmãs antigas desejaram e não receberam, tiveram muitas capacidades e não tiveram oportunidades e ainda assim prestavam muitos serviços. Nós recebemos mais do que desejamos.

Lembremos que nossos estudos, o que o Instituto nos fez estudar, não é para receber o salário do trabalho (ao contrário da mentalidade do mundo), mas por causa do *bom exemplo* e para *afastar a ociosidade* e nunca, para sentirmos maiores ou superiores das outras. Quanto mais temos os estudos e conhecimentos, devemos ser mais simples e nos submeter às outras.

Hoje vamos agradecer a Deus colocando diante do sacrário nossas superioras que depositaram confiança em nós, que gastaram dinheiro por nós, que acreditaram em nós. Pois tudo recebemos para que sejamos bom exemplo, afastadas da ociosidade, ser útil para outras e nunca para recompensa, além de ter o pão cotidiano.

**23/05:** 22. E se acaso não nos pagarem pelo trabalho vamos recorrer à mesa do Senhor e pedir esmola de porta em porta.

Ao faltar o pão, após de ter trabalhado, podemos recorrer à mesa do Senhor que é pedir a esmola. É verdade que nós recebemos o pão para agente comer. Mas temos também nossas escolas, nossas crianças pobres, nossas famílias pobres que se nós não pedimos por eles, eles não têm. Se o pobre pedir na feira ninguém lhe dá, mas se agente pedir eles nos dão. Quando sentimos nossas crianças como nossos filhos então sentimos na nossa pele a fome e sede delas e por isso que vamos pedir.

E como nós não recebemos o salário, é tão bom agente comer o que recebemos na feira para o pobre, fazendo nós também, parte desta herança santa. Sem dúvida, foi difícil para nós abraçar este estilo de vida no início. Vamos louvar e agradecer a Deus pela fadiga que fizemos ao pedir. Mas Deus nos deu a graça de pedir, Deus nos deu a graça de nos humilhar, Deus nos deu a graça de tornarmos embaixadores dos pobres.

**24/05:** 23. Como saudação, revelou-me o Senhor que disséssemos: ‘O Senhor te dê a paz’. 24. Evitem os irmãos aceitar, sob qualquer pretexto, igrejas, modestas habitações e tudo o que for construído para eles se não estiver conforme com a santa pobreza que prometemos pela Regra, demorando nelas sempre como forasteiros e peregrinos.

Ao encontramos uns aos outros hoje com mais facilidade falamos: bom dia, boa tarde. Poucos falam infelizmente: “O Senhor te dê a paz”. Se não falamos pelo menos desejamos a paz entre nós!

E a segunda parte é desta clausula é um ponto muito importante para nós fazer o exame da consciência: Na verdade, quando mais tem facilidade nós somos gratas e queremos permanecer aí e aonde tem pobreza a nossa tendência é vir embora!

Além deste ponto muito delicado, a terceira parte desta clausula é responsabilidade e santidade de cada uma de nós: usar tudo como forasteiro e peregrino é o desapego total com que devemos usar tudo, sabendo que nada nos pertence, hoje eu uso, amanhã pode ser usado por outra pessoa, por outra irmã. Isso vale, começando nos nossos quartos, no uso do armário, no uso do banheiro, no uso da lavandeira etc. Tudo, hoje estou usando, pois ontem alguém usou, amanhã alguém ainda vai usar. Devo deixar tudo em ordem, limpo e sobretudo usar tudo com gratidão, pois tudo foi dado, tudo é provisório e nada me pertence.

Louvemos a Deus hoje para nossa vocação franciscana. Ele se dignou se nos chamar para esta vida santa que nós não merecemos. Ele nos chamou para ser

**25/05**: 25. Mando severamente sob obediência a todos os irmãos, onde quer que estejam, que não se atrevam a pedir à Cúria Romana algum rescrito, nem por si nem por pessoa intermediária, em favor duma igreja ou de outro lugar qualquer, nem sob o pretexto de pregação, nem por causa de perseguição corporal. 26. Ao contrário, sempre que não forem aceitos em alguma parte, fujam para outra terra para ali fazer penitência com a bênção de Deus.

Mais um desafio e momento de exame de consciência para nós! Agente quer a certeza de amanhã. Agente quer as cartas escritas, as explicações detalhadas, os avisos antecipados. E quando as faltam ficamos preocupadas e até jogamos culpas uns para as outras, dizendo que não fizemos em modo correto como deveríamos fazer, foi a nossa ignorância, a ignorância das nossas superioras etc. E com as regras de hoje em dia agente tem o medo do futuro. E também talvez temos o medo de ser expulso e medo de fugir para outra terra! Mas São Francisco tinha previsto tudo isso e ele queria que fizéssemos todas estas experiências. “*Quando não forem aceitos em alguma parte, fujam para outra terra para ali fazer penitência com a bênção de Deus”*. Não é desgraça, mas é graça de Deus, vão com a bênção de Deus!

Pedimos hoje para nós, para todo nosso Instituto, para a missão do Brasil, para que as preocupações do futuro, não nos prejudique em afastar-nos do carisma franciscano. Pedimos a graça de abandono total na Providencia de Deus!

**26/05**: 27. E quero firmemente obedecer ao ministro geral desta fraternidade e ao guardião que lhe aprouver dar-me. 28. E de tal modo quero estar como prisioneiro em suas mãos que fora da obediência a ele ou contra sua vontade, eu não possa ir a parte alguma nem empreender nada, porque ele é o meu senhor.

Ofertamos hoje a virtude da obediência que abraçamos na nossa vida consagrada, por todos os momentos em que sentimos “prisioneiras” nas mãos das superioras, não podendo até fazer um bem que gostaríamos de fazer, por aqueles sacrifícios e lágrimas derramadas, pois Deus sabe o coração de cada uma, e por todas as vezes que custou a obediência e Deus nos recompensou nos abençoando e nos santificando, sem agente mesmo perceber. Quem sabe quantas almas foram salvas pela virtude da nossa obediência, do nosso sacrifício que nem nós chegamos a saber e só no céu encontraremos as surpresas!

**27/05:** 29. E embora eu seja simples e enfermo quero, contudo, ter sempre junto de mim um clérigo que reze comigo o ofício segundo manda a Regra. 30. E todos os outros irmãos estejam obrigados a obedecer de igual modo aos seus guardiães e a rezar o ofício segundo manda a Regra. 31. E se acaso houver quem não reze o ofício segundo o preceito da Regra e introduzir um modo diferente ou não seja católico, todos os irmãos, onde quer que estiverem e acharem um deles, são obrigados sob obediência a levá-lo ao custódio mais próximo do lugar onde o tiverem encontrado. 32. E o custódio esteja gravemente obrigado sob obediência a mantê-lo sob guarda severa como prisioneiro, dia e noite, de modo que não possa escapar de suas mãos, até que o entregue pessoalmente às mãos de seu ministro. 33. Também o ministro esteja gravemente obrigado sob obediência a enviá-lo por tais irmãos que o guardem dia e noite como um preso, até que o apresentem ao senhor de Óstia, que é o senhor, protetor e corretor de toda a fraternidade.

Hoje, como compromisso do dia, fazemos de tudo para rezar bem o oficio, a Liturgia das Horas em reparação de todas as vezes que não rezamos. Que Deus tenha misericórdia para conosco. Pedimos perdão ao pai Francisco também, que ele possa interceder por nós pelas vezes que rezamos vazios, com coração longe e pelas vezes que não rezamos e não cumprimos as nossas obrigações.

**28/05:** 34. E não digam os irmãos: ‘Isto é uma outra Regra’, porque isto é uma recordação, uma admoestação, uma exortação e meu testamento, que eu, Frei Francisco, o menor de todos, deixo para vós, meus irmãos benditos a fim de que possamos observar mais catolicamente a Regra que prometemos ao Senhor. 35. E o ministro geral e todos os demais ministros e custódios estejam obrigados sob obediência a nada acrescentar a estas palavras nem tirar coisa alguma. 36. E tenham sempre consigo este escrito, junto à Regra. 37. E em todos os capítulos que fizerem, leiam também estas palavras quando lerem a Regra. 38. E ordeno severamente sob obediência a todos os irmãos, clérigos e leigos, que não façam glosas à Regra nem a estas palavras dizendo: 39. ‘Assim é que devem ser entendidas’. Mas, como o Senhor me concedeu dizer e escrever de modo simples e claro a Regra e estas palavras, assim as entendais, com simplicidade e sem comentário e observai-as com santo fervor até o fim.

Quantas vezes relaxamos a ler, meditar e conservar no coração a Regra e as Constituições, quanto tempos não demos muita importância ao Testamento do pai Francisco, aos Escritos e à Espiritualidade Franciscana! Pedimos hoje a graça de amar, a graça de conservar no coração o que é o patrimônio da nossa espiritualidade. O Testamento não era somente para os frades, mas para todos: *“todos os irmãos, clérigos e leigos”* e nós também somos contempladas aí.

E ainda mais, quando no Monte Alverne, ao dar os sagrados estigmas, Jesus prometeu a Francisco o paraíso a todos os que observam a Regra (não somente foram mencionados os frades, mas) todos os que são de todas as três Ordens. Temos a herança prometida, mas também o dever para cumprir.

Nessa aparição seráfica, Cristo, que aparecia, contou a São Francisco algumas coisas secretas e altas, que São Francisco não quis revelar durante sua vida a ninguém, mas revelou depois de sua vida, como demonstramos adiante. E as palavras foram estas: “Sabes, disse Cristo, o que eu te fiz? Eu te dei os Estigmas que são os sinais da minha paixão, para que tu sejas o meu porta-bandeira. E, assim como no dia de minha morte desci ao limbo, e carreguei todas as almas que lá encontrei em virtude de meus Estigmas, assim te concedo que, cada ano, no dia da tua morte, possas ir ao purgatório e trazer todas as almas das tuas três Ordens, isto é, Menores, Irmãs e Continentes, e também dos outros que a ti forem muito devotos e que lá encontrares, em virtude dos teus Estigmas, e as leves para a glória do paraíso, para que sejas conforme a mim na morte, como és na vida[[11]](#footnote-11)”.

**29/05:** 40. E todo aquele que as observar seja no céu cumulado com a bênção do altíssimo Pai, e seja cumulado na terra com a bênção de seu dileto Filho em unidade com o Espírito Santo Paráclito, com todas as virtudes do céu e todos os santos. 41. E eu, Frei Francisco, o menor de vossos servos, vos confirmo, quanto posso, interior e exteriormente, esta santíssima bênção. Amém.

Desde quando entramos em Convento, todas as semanas recebemos esta bênção para nos lembrarmos da nossa herança: A obediência ao Testamento nos garante a bênção do Pai no Céu, a benção do Filho na Terra, e o acumulo de todas as virtudes da parte do Espirito Santo, a fim de que possamos permanecer na graça do Pai e do Filho. E o Seráfico Pai nos acompanha sempre, assim como Maria Santíssima, os anjos, Nosso Pai Francisco nos ama, nos acompanha e alegra por nós.

**30/05:** Hoje e amanhã iremos rapidamente lembrar dos dois pensamentos sobre a Nossa Senhora que nosso pai São Francisco deixou para nós como herança:

**Maria e a Santíssima Trindade : Maria: Mãe, Filha e Esposa**

Francisco na sua Carta aos fiéis escreve de modo surpreendente sobre a relação de Maria com a Santíssima Trindade: “filha e serva do altíssimo e sumo Rei e Pai celestial, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo e esposa do Espírito Santo” (OfP).

Diz na Segunda Carta a todos os fiéis: “Esta Palavra do Pai foi tão digna, tão santa e tão gloriosa, o altíssimo Pai a enviou do céu por meio de seu santo anjo Gabriel ao útero da santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade. Ele sendo rico (2Cor 8,9) acima de todas as coisas, quis neste mundo, com a beatíssima Virgem, sua Mãe, escolher a pobreza (2Ctfi). Assim: “o Senhor da majestade” se tornou nosso irmão[[12]](#footnote-12) .

A maternidade divina de Maria é motivo para dar graças a Deus, para ser-lhe grato por ter descido ao nível do homem e para louvar e honrar a Maria acima de toda outra criatura.

Os títulos de “filha, serva e mãe” existiam já antes de Francisco, mas o título “esposa do Espírito Santo” foi uma expressão nova e própria de Francisco e que hoje todos os dias ao rezar o terço nós invocamos a Maria com estes três títulos pedindo a intercessão dela para aumentar em nós a fé, a esperança e a caridade. A dignidade e a santidade de Maria provêm desta sua relação intima com a Santíssima Trindade!

E no mistério da Encarnação Maria acolhe e vive esta intima e profunda relação existencial com as três pessoas da Santíssima Trindade. Designando-a como “esposa do Espírito Santo”, Francisco pensa na narração de Lucas, segundo a qual, no dia da Anunciação, o Espírito Santo desceu sobre Maria, estendeu sobre ela sua sombra (Lc 1,35); Deus Pai fez a sua criatura “filha”, “cheia de graça” para que pela ação do Espírito Santo ela possa dar à luz o Filho!

A maternidade de Maria, é expressa por Francisco, na Saudação à Virgem Maria com títulos comoventes: “palácio do Senhor, tabernáculo do Senhor, morada do Senhor, manto do Senhor, serva do Senhor, Mãe do Senhor” [[13]](#footnote-13)!

**31/05:**

Hoje a Igreja celebra a visitação de Maria na casa de Isabel. Maria Santíssima visitou a casa de São Francisco: na casa de Porciúncula, a basílica de Santa Maria dos Anjos.

O nome de Santa Maria dos Anjos provém da tradição de que, naquela pequena Capela, que foi construída por quatro peregrinos que retornavam da Terra Santa, era venerado um fragmento do túmulo da Virgem Maria, e que sempre se ouvia no local *o canto dos anjos* e esta pequena Capela recebeu o nome de Porciúncula, isto é, pequena porção. No tempo de São Francisco, pertencia à Ordem Beneditina esta Igrejinha e São Francisco a recebeu como doação:

Quando São Francisco viu que estava crescendo o número de seus irmãos, ele pediu ao bispo de Assis e depois aos Cônegos de São Rufino alguma igrejinha para cuidar, assim eles teriam um local para sua moradia. A resposta era negativa. Foi então ao abade do mosteiro de São Bento, Dom Teobaldo. Este, com o consenso dos demais seus frades concedeu a Francisco e aos seus primeiros companheiros a Porciúncula para o simples uso e moradia. Só puseram uma condição: “se a Família constituída por Francisco crescer, a Porciúncula seja a casa-mãe”. Pela graça recebida, como gratidão aos beneditinos, existe um gesto de retribuição: cada ano os frades mandavam aos monges um cesto cheio de peixes. E os monges agradeciam com um vaso cheio de óleo[[14]](#footnote-14).

Diz o Celano: “Dali passou para outro lugar, chamado Porciúncula, onde havia uma antiga igreja de Nossa Senhora Mãe de Deus, mas estava abandonada e nesse tempo não era cuidada por ninguém. Quando o santo de Deus a viu tão arruinada, entristeceu-se porque tinha grande devoção para com a Mãe de toda bondade, e passou a morar ali habitualmente. No tempo em que a reformou, estava no terceiro ano de sua conversão[[15]](#footnote-15).”

Foi também nesta pequena Capela, que São Francisco recebeu a indulgência do “Perdão de Assis”:

Estava certa noite em sua cela, rezando pela conversão dos pecadores, quando um anjo convidou a dirigir-se à Capela da Porciúncula. Lá chegando, encontrou-a toda iluminada e no meio de um coro de anjos estava a Virgem Maria ao lado de seu Divino Jesus.

Jesus, dirigindo-se a Francisco, disse-lhe: “Em recompensa ao teu zelo pela conversão dos pecadores, pede-me o que quiseres”.

O Seráfico Pai Francisco, pediu-lhe então a indulgência Plenária para todos aqueles que, tendo confessado e comungado, visitassem aquela pequena igrejinha.

São Francisco, meio que assustado com seu atrevimento, suplicou à Virgem Maria que intercedesse em seu favor.

Jesus, não resistindo ao apelo de sua mãe, concordou com o pedido, desde que fosse ratificado pelo Papa, Francisco com a face no chão, adorou o seu Senhor.

No dia seguinte, Francisco foi ao encontro do Santo Padre; este, porém, lhe concedeu a graça apenas um dia no ano, ou seja, a cada 02 de Agosto (de pois foi estendida, mais tarde, pelo Papa Sisto IV, a todas as igrejas, nesta data).

Como no inicio da sua conversão Santa Maria dos Anjos, foi o berço que acolheu Francisco e os primeiros frades, também ao final da sua vida, a Porciúncula foi o seu tálamo para encontrar-se com Cordeiro Ressuscitado!

“Dois anos depois de receber os estigmas, vinte anos após sua conversão, pediu para ser transportado a Santa Maria da Porciúncula a fim de pagar seu tributo à morte e receber em troca e em recompensa a eternidade, no mesmo local em que, pela Mãe de Deus, ele mesmo conhecera o espírito de graça e de perfeição[[16]](#footnote-16)”

De fato, a casa de Porciúncula, a casa da mãe foi a escola de Francisco donde aprendeu o caminho de graça e de perfeição!

O Celano ainda nos diz: “Dizia muitas vezes a seus irmãos: “Não saiam nunca deste lugar, meus filhos. Se os puserem para fora por um lado, entrem pelo outro, porque este lugar é verdadeiramente santo e habitação de Deus. Aqui o Altíssimo nos deu crescimento quando ainda éramos poucos. Aqui iluminou o coração de seus pobres com a luz de sua sabedoria. Aqui incendiou nossas vontades com o fogo do seu amor. Quem rezar com devoção neste lugar conseguirá o que pedir, e quem o desrespeitar será mais gravemente punido. Por isso, filhos, tenham todo o respeito para com o lugar onde Deus mora, e louvem aqui o Senhor com todo o seu coração, entre gritos de júbilo e de louvor[[17]](#footnote-17)”.

E Francisco chamava Maria a “Mãe da Misericórdia” a “ Advogada da Ordem”.

“Amava com amor indizível a Mãe do Senhor Jesus, porque tornou o Senhor da majestade irmão nosso, e por ela conseguimos a misericórdia. Confiando principalmente nela, depois de Cristo, constituiu-a advogada sua e dos seus e em sua honra jejuava com toda devoção desde a festa dos Apóstolos Pedro e Paulo até a festa da Assunção. Unira-se por um vínculo de amor inseparável aos espíritos angélicos, que ardem em um fogo mirífico para elevar-se até Deus e para inflamar as almas dos eleitos e, por devoção a eles, jejuando por quarenta dias desde a Assunção da Virgem gloriosa, insistia continuamente na oração[[18]](#footnote-18).

**01-06/06:** Nestes últimos dias do retiro teremos como tema principal: **O amor esponsal entre Deus e sua Criatura na Sagrada Escritura e o Sacrum Commercium de São Francisco**.

1. Desde início da Igreja (e sempre existiram) as duas correntes de teologia, de cultura e de pensamento caminharam juntos. E eram necessários Pedro e Paulo, para o crescimento da Igreja: Pedro, homem sem muita cultura, sem estudo, um simples pescador, mas escolhido por Jesus ao qual foi entregue a chave do Reino; Paulo, homem culto, conhecedor da Sagrada Escritura, estudante e discípulo de Gamaliel, homem da cultura grega, da filosofia, conhecedor de várias línguas etc. Não existe um “porque?” mas um “sim” diante das escolhas de Deus. Sem Pedro a Igreja não teria mantido as promessas de Jesus, sem Paulo a Igreja não teria espalhado para o mundo pagão. As duas colunas necessárias, um não é melhor do que outro, um não é completo sem outro, mas juntos realizaram o projeto de Deus apesar dos desentendimentos, brigas e discussões entre si.

   Assim na Ordem, se Deus escolhesse somente Francisco a Ordem não teria crescido. Era necessário a simplicidade e santidade de Francisco, mas também a presença do Cardeal Hugolino que fez escrever a Regr, que ajudava Francisco a entender o Direito Canônico e as normas da Igreja; era necessário a presença de um teólogo Antônio, um advogado Bernardo, um estudioso seja do Direito que da Sagrada Escritura como Boaventura, um Leão que seguia Francisco como cordeiro, um Junipero que obedecia Francisco cegamente sem usar muito seu raciocino, um Leão que escondeu no seu bolso vida toda o escrito de são Francisco sem revelar a ninguém etc. Era necessário que estivesse uns frades que pensassem nas casas, nos espaços onde devem sentar-se quando 5 mil frades se reúnem todos os anos no capítulo. Mas era doloroso para Francisco ver tudo aquilo e não sempre conseguia aceitar ou entender a mentalidade progressista de alguns frades.

   E a mesma situação existe nas nossas casas e conventos. E o mesmo problema sempre vai existir em todos os lugares onde tem instituições, onde tem regras, onde tem a ordem. Quem é tradicionalista e quem é progressista. Quem são os escribas e quem são os fariseus. Contudo, deus escolheu uns e outros, a fim de que caminham juntos apesar das brigas e desentendimentos, pois um completa outro e um é necessário para a santidade de outro. [↑](#footnote-ref-1)
2. Frei Celso Márcio Teixeira, OFM\*

   Petrópolis – RJ “A leitura sabateriana”do testamento de São Francisco. Collection d’Études e des documents sur l’histoire religieuse et littéraire du moyen Âge e Opuscules de critique historique. [↑](#footnote-ref-2)
3. Sacrum Commercium , ALIANÇA DE SÃO FRANCISCO COM A SENHORA POBREZA: C.30. FF. Ed.Mensageiro St.Antonio [↑](#footnote-ref-3)
4. Fioretti, cap. 1 [↑](#footnote-ref-4)
5. Fioretti, Cap. 2 [↑](#footnote-ref-5)
6. Fontes Franciscanas. Ed. Messaggeiro, pg. 1055. A Vida de Frei Egidio; pg. 1071 (como ganhava as coisas necessárias para o sustento, morando na casa de um cardeal). [↑](#footnote-ref-6)
7. Fioretti, 30. [↑](#footnote-ref-7)
8. Site das ITFR pg. Area reservada. A história remota: casas e atividades do tempo de Madre Jacinta (1902-1940). [↑](#footnote-ref-8)
9. Basta escutar as intervistas das Irmãs idosas: Madre Samuela, Ir. Speranza, Ir. Alberta, Ir. Nicolina, Ir. Júlia, Ir. Ana Rosa, Ir. Pierangela etc. Site ITFR , Area reservada*: Voci fraterne.*  [↑](#footnote-ref-9)
10. FF pg. 1071. [↑](#footnote-ref-10)
11. Dos Cinco Considerações sobre os Estigmas de São Francisco, 3ª Consideração. FF pg. 842 [↑](#footnote-ref-11)
12. 2 Celano 198. [↑](#footnote-ref-12)
13. SdVM 4-6 [↑](#footnote-ref-13)
14. LTC 56; LP 8. [↑](#footnote-ref-14)
15. Celano 21 [↑](#footnote-ref-15)
16. Lm 7,3. [↑](#footnote-ref-16)
17. 1Celano 106 [↑](#footnote-ref-17)
18. LM 9,3 [↑](#footnote-ref-18)